

A EMERGÊNCIA DISCURSIVA DO CONCEITO DE “PIONEIRO ITALIANO” COMO MARCADOR IDENTITÁRIO E DELIMITADOR DE FRONTEIRAS ÉTNICAS

Miriam de Oliveira Santos¹

Resumo: O objetivo desse artigo é analisar a emergência do conceito de “Pioneiro Italiano” na região nordeste do Rio Grande do Sul, entendido como um marcador identitário e delimitador de uma fronteira étnica entre “brasileiros” e imigrantes e descendentes de imigrantes italianos. A metodologia utilizada é a revisão bibliográfica sobre o tema. Consideramos que o conceito emerge simultaneamente à ascensão política e econômica dos imigrantes italianos e seus descendentes.

Palavras-chave: Imigração italiana; pioneirismo; identidade étnica.

Abstract: This paper aims to analyze how the term “Italian Pioneer” has emerged in the northeast part of the Brazilian state of Rio Grande do Sul, the term is understood as an identity mark and it sets out an ethnic boundary between the ‘Brazilians’ and the immigrants and the descendant of Italian immigrants. The methodology used is bibliography review and ethnography research. We consider that the concept emerges simultaneously with the political and economic rise of Italian immigrants and their descendants.

Keywords: Italian Immigration; pioneer; ethnic identity.

¹ Graduada em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, mestre em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e doutora em Antropologia Social pelo Museu Nacional/UFRJ. Atualmente é pesquisadora associada do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Migratórios e professora adjunta do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, professora colaboradora do Mestrado em Educação Agrícola e professora do quadro permanente do mestrado em Ciências Sociais da mesma universidade. E-mail: mirsantos@uol.com.br.

O objetivo desse artigo é analisar a emergência do conceito de “Pioneiro Italiano” na região Sul do Brasil, especialmente na cidade de Caxias do Sul e arredores. Queremos ressaltar que o conceito de “Pioneiro italiano” é entendido como um marcador identitário e delimitador de uma fronteira étnica entre “brasileiros” e imigrantes e descendentes de imigrantes italianos. Consideramos que o conceito emerge simultaneamente à ascensão política e econômica dos imigrantes italianos e seus descendentes.

De acordo com Foucault, “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (2004, p. 10). Partindo desta premissa buscamos analisar o surgimento do discurso sobre o pioneirismo do “imigrante italiano” e suas relações com o poder.

As ideias de pioneirismo e a de fronteira estão intimamente ligadas e aparecem em vários grupos imigrantes que compartilham a crença de que o grupo imigrante realiza a transformação do antes/selvagem para o depois/civilizado. A ideologia do “pioneiro” é na realidade uma adaptação, com contornos étnicos, da ideologia capitalista do enriquecimento através do trabalho. O discurso do pioneiro italiano mistura elementos oriundos do conceito de frente pioneira - que vem da geografia (WAIBEL, 1958 e 1979) e está relacionados com a ideia de frente de expansão e frente de povoamento com outros que reportam aos bandeirantes e, principalmente, aos pioneiros norte-americanos.

A identidade de descendentes de italianos, “italianos do Rio Grande do Sul”, “talian”, “italos-gaúchos” ou simplesmente “italianos” é construída através do pioneirismo, do elogio da família e da religião e principalmente da reafirmação do trabalho. São estes os símbolos escolhidos para funcionar como características diacríticas do grupo e elementos de contraste em relação aos demais “brasileiros”.

Apesar do discurso oficial do governo brasileiro, que considerava as

Tessituras

terras do sul do Brasil onde se fez a colonização com camponeses de origem europeia como despovoadas, e do discurso dos colonos, que ressaltam que estas terras eram florestas “infestadas” de índios, podemos perceber, analisando a história da região, que ela não era tão desconhecida, despovoada e isolada como consta na retórica sobre os “pioneiros”.

Desde o século XVII os jesuítas conheciam o território do atual Rio Grande do Sul e suas criações de gado deram origem às chamadas Vacarias do Mar e dos Pinhais, respectivamente na Campanha e no Planalto gaúcho. Nessa época já havia uma estrada que ligava Laguna à Vacaria dos Pinhais, atravessando a Serra Geral entre Santo Antônio da Patrulha (litoral) e São Francisco de Paula (alto da serra).

Em função da descoberta de ouro em Minas Gerais e da necessidade de animais de carga para aquela região, intensifica-se o apresamento de gado nas Vacarias e, em decorrência disso, surge o “caminho do sul” ligando Sorocaba e Viamão. Ao longo deste caminho surgem pousos que evoluem para povoados, vilas e cidades. Segundo Waibel:

Quando o Brasil se tornou independente em 1822, julgou-se necessário dar mais ênfase à colonização das duas províncias mais meridionais, que estavam sujeitas a ataques dos argentinos pelo lado sul, e dos índios Botocudos pelo interior (...).

Os brancos não povoaram as matas, mas apenas as cruzavam rapidamente, ao longo de alguns caminhos de boiadeiros e de tropas. Destes o mais importante era o que ligava em direção norte-sul, São Paulo a Porto Alegre ou Viamão, no Rio Grande do Sul (WAIBEL, 1958, p. 211).

É justamente na beira do caminho que ligava Porto Alegre a São Paulo que começam a ser instaladas as colônias. Próximas a Porto Alegre, são instaladas as colônias alemães. E na encosta da serra são instaladas as colônias italianas. Ou seja, os lotes coloniais podiam estar isolados no meio da mata, mas os núcleos coloniais foram estabelecidos no caminho dos tropeiros, possibilitando um grande intercâmbio de mercadorias e favorecendo o surgimento de pensões, hotéis, hospedarias e ferrarias, os

primeiros tipos de estabelecimentos comerciais da região.

A identidade de imigrante italiano foi construída principalmente a partir da década de 50 do século XX. Neste modelo o imigrante era visto como progressista e desenvolvido, marcado pela imagem do colono pioneiro que havia se transformado em industrial. Nesta mesma época aqueles que permaneciam como colonos eram vistos como símbolo de atraso. A ideia de Progresso contida aí é a de desenvolvimento urbano, industrialização, grandes edifícios. Enfim, a transformação da “colônia” de imigrantes pioneiros na grande metrópole civilizada e civilizadora serve de modelo de desenvolvimento ao resto do país. Portanto ser italiano era positivo, ser colono negativo. Neste momento o discurso dos imigrantes italianos apelava não para o pioneirismo mas para os valores da civilização europeia e, especialmente, do Império Romano, que haviam trazido para o Brasil. Até então havia uma tentativa da elite imigrante de desvincular a história da família de suas raízes camponesas e buscar na Itália brasões e laços com famílias nobres.

Como o Fascismo apelava para a mesma simbologia (os feitos do Império Romano), após a II Guerra Mundial torna-se necessário buscar outros símbolos e é nessa época que emerge o discurso do pioneiro italiano. No entanto a expressão “mito do pioneiro”, utilizada em relação as narrativas feitas pelos descendentes de colonos europeus no sul do Brasil, surge na segunda metade da década de 80 com a sistematização dos estudos sobre a colonização do sul do Brasil. É especialmente nos trabalhos sem cunho acadêmico, como crônicas em jornais, biografias de imigrantes e romances, que a ideia do herói civilizador mais prosperará. Segundo Seyferth (1986, p. 158) existe uma utopia da civilização na selva.

É importante ressaltar que na literatura sobre o “mito do pioneiro” o conceito de mito é utilizado não no seu sentido antropológico, mas no sentido que Gramsci, influenciado pela noção de Sorel, atribui a ele. Isto é, mito como uma concepção do mundo com uma ética adequada, um mobilizador de energias ligado como projeto a movimentos históricos concretos (VELHO,

1986, p. 769).

Para Lagemann, “alguns descendentes, e cada vez em maior número, galgavam postos políticos e o eleitorado colonial tendia a se tornar decisivo para qualquer eleição” (1980, p. 118). Inicialmente estes descendentes serão eleitos prefeitos e vereadores nas cidades da zona colonial, tanto alemã quanto italiana. Mas, a partir de 1947, com o desenvolvimento econômico da região colonial e a estagnação da “metade sul” do estado, ocorre “a transferência do peso político da Campanha para a área colonial” (LAGEMANN, 1980, p. 118). Observamos neste momento como o poder político e econômico serão fundamentais para a emergência discursiva do conceito de “Pioneiro Italiano”.

Há que relembrar que para Foucault, pesquisar o poder é fundamental para explicar a produção de saberes. O poder, porém, não deve ser pensado como algum lugar privilegiado, mas são práticas que se exercem, funcionando como uma maquinaria. O poder é uma relação. Onde há poder, há resistência. Por isso, pode se falar em pontos móveis e em deslocamento do poder (FOUCAULT, 1975).

Em um artigo inédito sobre identidade brasileira, Schneider chama a atenção, para o fato de que a construção de uma identidade envolve a “construção de uma origem “histórica” e que “isso pode incluir tanto origens ‘místicos’ ou ‘mitológicos’ como também a ‘leitura específica’ de fatos históricos” (SCHNEIDER, 2003, p. 1)².

Schneider aponta também para um “culto à imigração”, fruto da visão positiva que os brasileiros têm da Europa e ainda para o fato de que a cultura do descendente de imigrantes aparece discursivamente como diferente daquilo que é considerado tipicamente brasileiro (SCHNEIDER, 2003). Ao construir o lugar do pioneiro, colonizador e civilizador para si, os imigrantes italianos e seus descendentes determinaram também o lugar dos

² Parte dessa “releitura específica dos fatos históricos” é atribuir o desenvolvimento da metade norte do estado do Rio Grande do Sul aos imigrantes esquecendo convenientemente a imigração de europeus (especialmente alemães) que se dirigiu para a região de Pelotas e os imigrantes italianos de Silveira Martins e arredores.

Tessituras

outros moradores da terra. Para os negros e índios foi atribuído o papel de selvagens e incultos, para os descendentes de portugueses o papel de pessoas sem refinamento e de maneiras rudes, julgamento já expresso no apelido pelo qual eles são conhecidos: “pelo duro” - uma designação regional para o que em São Paulo se conhece como “casca grossa”³.

Sobre a difusão do que ele chamou “mitologia do imigrante”, mas referindo-se aos imigrantes italianos de uma maneira geral, tanto no Sul como em São Paulo, Ianni ressalta:

A ideia de que o imigrante e a industrialização estão conjugados é uma ideia que faz parte da mitologia do imigrante. Essa é a mitologia que os italianos que tiveram sucesso vendem, um pouco deliberadamente ou não, a ideia de que o sucesso industrial do Brasil está relacionado com a imigração italiana (IANNI, 1979, p. 23).

Neste sentido encontramos no discurso do “pioneiro italiano” uma apropriação do passado para refletir no presente a ideia de comunhão e marcar pertencimentos. Pode-se encontrar no passado todo um repertório de termos simbólicos para atualizá-los no presente, ou seja, cria-se uma versão *à posteriori* que organiza e confere sentido a fatos e eventos isolados.

Os filhos dos imigrantes veem-se como parte de um processo histórico compartilhado. As histórias da imigração são contadas e recontadas com o objetivo de marcar a epopeia. Deste modo a identidade pode ser construída de várias formas, incluindo aí as idealizadas.

Cabe destacar que a categoria pioneiro não é exclusiva do discurso dos descendentes de imigrantes italianos segundo Seyferth:

As representações simbólicas sobre o pioneirismo associado à colonização de terras devolutas marcam as muitas representações de etnicidade de poloneses, alemães e italianos. Um ethos do trabalho, de certa forma vinculado a um ethos camponês, faz parte desse universo simbólico que tem como contraponto a preguiça e a indolência assumidos como atributo característico do “brasileiro” (ou caboclo). Na representação do pioneiro, a categoria colono (trazida do

³ Curiosamente em São Paulo os “Casca Grossas” são os italianos e seus descendentes.

jargão oficial) identifica os imigrantes europeus e seus descendentes, e a colonização é definida como um processo civilizatório instaurado na selva brasileira (SEYFERTH, 2000, p. 98).

É a esta imagem de pioneiro e civilizador que o imigrante italiano vai se associar. A imigração é sempre narrada como uma epopeia, uma conquista civilizatória dos colonos abandonados na selva. E é em cima da noção de processo civilizatório que os descendentes de italianos do Rio Grande do Sul vão construir a sua identidade. Observamos que se inicialmente essa noção de civilização estava associada a um discurso sobre uma cultura europeia logo ele se desloca para o discurso sobre o pioneirismo.

Tendo chegado primeiro, os descendentes de imigrantes alemães já haviam construído a imagem de pioneiros civilizadores, que depois os descendentes de italianos vão reivindicar. A alegação de que receberam terras piores que as dos colonos alemães e mesmo assim conseguiram tornar-se “a pérola das colônias” remete para uma disputa com os demais colonos “de origem”. Colonos “de origem” são aqueles descendentes de origem europeia não portuguesa. No entanto observa-se que em casos de casamentos interétnicos a preferência é sempre pelo cônjuge “de origem”, no máximo “lusobrasileiro”.

No caso do Rio Grande do Sul podemos tomar como exemplo a cidade de Caxias do Sul, onde forma-se desde cedo uma elite dirigente na cidade, tanto política como economicamente falando. E é esta elite que vai impor a sua visão de mundo, bem como o mito de origem do “pioneiro”, do “colono italiano”. É importante notar que desde cedo esta elite adquire sinais de prestígio dos dois lados do Atlântico: no Brasil tornam-se oficiais da Guarda Nacional e na Itália são condecorados Comendadores pelo Vaticano ou pelo Rei da Itália Vittorio Emanuele III.

Em Lagemann encontramos a seguinte observação:

(...) transparece na historiografia, ao tratar das realizações dos imigrantes num sentido lato, uma euforia e uma louvação por vezes sem fundamento nos fatos reais. Essa

Tessituras

impressão é clara nos textos publicados por ocasião de festejos de centenários, etc. Tal tendência laudatória parece estar sincronizada com o relativo sucesso econômico da região colonial e com o crescimento na participação política por parte dos descendentes de imigrantes (LAGEMANN, 1980, p. 118).

O autor observa ainda que essa ascensão econômica por parte do grupo é estendida aos colonos. Essa referência ao colono é interessante, porque apesar de em um plano “mítico” o colono estar identificado com o “pioneiro”, com aquele que “civilizou” um lugar “selvagem”, as referências aos colonos “reais” não são tão elogiosas assim. Um descendente de terceira geração entrevistado por Zanini em Santa Maria, cidade localizada no centro do Rio Grande do Sul e próxima da região da ex-colônia de Silveira Martins, assim definiu o colono: “é aquele que tem pouca cultura, anda sujo, de chinelo, pé no chão, está sempre sujo de pó, de coisa, trabalha com boi, com vaca” (ZANINI, 2002, p. 295).

Outra questão que aparece ligada à imagem do pioneiro civilizador é a industrialização do Rio Grande do Sul. Como ela ocorreu muito rapidamente, costuma-se afirmar que os colonos levados para lá não eram agricultores. Neste caso é importante lembrar que todas as colônias contavam com um núcleo urbano planejado pela administração colonial e que os lotes neste núcleo urbano eram distribuídos para profissionais variados: comerciantes, médicos, alfaiates, barbeiros, etc. Além disso, é condição *sine qua nom* para a manutenção camponesa a expulsão periódica de parte dos filhos da terra. E se este fenômeno contribuiu para a colonização secundária do noroeste do Rio-Grande do Sul e do sul de Santa Catarina, também forneceu mão-de-obra barata para a indústria nascente.

No Rio Grande do Sul forja-se uma elite etnicamente diferenciada e a “origem” italiana e o pioneirismo dos primeiros colonos serão evocados como legitimadores de sua posição social. Como afirma Renk: “descobrir, reconhecer e assumir a diferença é um momento decisivo para a construção da identidade étnica, cuja emergência é sempre histórica” (1990, p. 261).

Ou seja, os políticos e a elite “de origem”, contribuíram para a

Tessituras

construção e cristalização da imagem do imigrante como pioneiro e civilizador. No Álbum comemorativo dos 75 anos da Imigração Italiana, encontramos:

Entre os árdegos pioneiros de 1875 e os lutadores de hoje, não vai diferença maior que nos métodos e meios de trabalho. A vontade de vencer, o ânimo na luta, a ambição de melhorar e ir para diante, a vibração, o entusiasmo, as virtudes e os defeitos são os mesmos (PELLANDA, 1950, p. 22-23).

De acordo com Maestri, esta “interpretação heroica da colonização” surge em função da “universalização e generalização de depoimentos singulares sobre as dificuldades vividas pelo imigrante italiano, nos primeiros tempos, no Rio Grande do Sul” (MAESTRI, 1999, p. 191). Isto é, a partir dos relatos e das biografias dos primeiros imigrantes. E também em função de “uma visão hipercrítica da organização do movimento colonizador pelas autoridades nacionais” (MAESTRI, 1999, p. 191), onde as dificuldades dos tempos iniciais da colonização são maximizadas e as providências tomadas pelas autoridades brasileiras para o desenvolvimento da colônia são convenientemente esquecidas.

Maestri considera que existe uma leitura “hagiográfica da história da colonização” que é encampada pelos meios de comunicação, adquirindo “foro científico ao se propor como interpretação hegemônica do fenômeno migratório” (MAESTRI, 1999, p. 191). Deriva daí um discurso etnocêntrico demarcador de fronteiras étnicas, que aparece tanto nos depoimentos quanto na historiografia.

Ou seja, encontramos aqui o que Foucault aponta como o poder enunciativo dos discursos, reforçado pelo fato de seus interpretes autorizados ocuparem posições de destaque tanto nos planos econômico e político quanto no intelectual.

Segundo Zanini, referindo-se ao Rio Grande do Sul como um todo:

(...) há uma memória coletiva que está sendo compartilhada e há também uma memória da colonização que está sendo pesquisada e divulgada por intelectuais, ativistas e escritores

Tessituras

de memória e que está se tornando coletiva também. Ela se transforma, enquanto instrumento de uso coletivo, em **arma**, em instrumento para a visibilização das diferenças e a colonização um processo continuado que se expande dos domínios geográficos para outros campos (ZANINI, 2002, p. 320).

É esta memória compartilhada que marca a emergência de um novo campo discursivo, onde o discurso sobre o pioneiro italiano serve para legitimar tanto as práticas, quanto o exercício do poder.

O pioneirismo, o isolamento, a resistência cultural são revistos a partir de novos pontos de vista. É importante ressaltar, entretanto, que não se trata simplesmente de dissolver o simbólico no instrumental. No entanto, não devemos perder de vista que “o mito do enriquecimento pelo trabalho, na verdade é uma ideologia do capitalismo” (MARTINS, 1979, p. 49).

Encontramos no Rio Grande do Sul, e especialmente na região de Caxias do Sul, uma liderança étnica ligada a burguesia comercial de origem colonial com a identidade étnica fornecendo uma rede de proteção social. Neste caso, a cultura é utilizada também como instrumento político.

Deste ponto de vista a etnicidade funciona como uma ideologia no sentido que Gramsci (1978) dá ao termo, ou seja, como um cimento que unifica as práticas e pensamentos de um determinado grupo social. Em função disso surgem a coesão social, a lealdade ao grupo e uma identidade local.

No caso do grupo que estudamos há uma clara hierarquização de identidades: a identidade local sobrepõe-se à regional e à nacional. Não é que eles não se considerem brasileiros, mas consideram que a sua identidade mais significativa é a identidade local de “italianos”. O fato de eventualmente identificarem-se como ítalo-gaúchos demonstra a importância atribuída a identidade regional. Contudo, apesar do discurso público de unidade, existem conflitos e disputas sobre quem pode falar em nome do grupo.

Enfim, como afirma Foucault, existem

Tessituras

discursos que estão na origem de certo número de atos novos de fala que os retomam, os transformam ou falam deles, ou seja, os discursos que indefinidamente para além de sua formulação, são ditos, permanecem ditos e estão ainda por dizer (FOUCAULT, 2004, p. 22).

Os membros da elite local — políticos, comerciantes, professores universitários — definem-se como ítalos-gaúchos ou no máximo como gaúchos de ascendência italiana e afirmam não fazer distinções com base na origem étnica. No entanto não é isto que demonstram nos discursos e livros.

O que gostaríamos de destacar é que a criação e manutenção de tradições como a Festa da Uva surgem como uma oportunidade recorrente de contar “a sua versão da história”⁴. Ao contrário das áreas alemãs, na região de colonização italiana as escolas e jornais na língua do país de origem não foram tão comuns devido ao alto número de analfabetos. Sendo assim a melhor forma de transmitir valores e ideias é através da dramatização, que são a essência dos desfiles da Festa da Uva. Dramatiza-se a história do Rio Grande do Sul do ponto de vista dos imigrantes e seus descendentes. Posteriormente com a ascensão econômica e política dos descendentes de imigrantes, esta versão torna-se hegemônica, a ponto de virar quase uma “História Oficial”, onde são ressaltadas as dificuldades e a união do grupo e apagadas ou minimizadas as discordâncias e desentendimentos.

Nesta “História” é ressaltado não o contexto em que se deu a imigração e o povoamento do Rio Grande do Sul, mas as “virtudes inatas” dos imigrantes: trabalhadores, honestos, bons católicos, criativos, persistentes. Tomando como premissa que estas virtudes são transmitidas através do sangue, espera-se que os descendentes de imigrantes mantenham as mesmas qualidades e que os brasileiros, especialmente os descendentes de negros e índios, vistos desde tempos imemoriais como preguiçosos, não as tenham. Observamos neste caso a imposição da ideologia da classe dominante como senso comum, as ideias da elite imigrante tornam-se

⁴ Para mais referências sobre a festa ver Santos (2004) e Ribeiro (2002).

hegemônicas, no sentido que Gramsci dá ao termo.

Acreditamos que este discurso funcione como um lugar de atualização étnica. Nele são reforçadas as marcas identitárias e todo um sistema simbólico que ressalta as diferenças em relação à identidade nacional. Por isto, o destaque é dado ao trabalho, pioneirismo, religiosidade e perseverança, qualificativos que funcionam como sinais diacríticos, que moldam e orientam a construção de uma identidade de ítalos-gaúchos, para os descendentes daqueles imigrantes.

Referências Bibliográficas

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1975.

_____. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 2004.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

IANNI, Octávio. Aspectos políticos e Econômicos da Imigração Italiana. In: ISBIEP. **Imigração Italiana: Estudos**. Caxias do Sul: EST/UCS, 1979. p. 11-22.

LAGEMANN, Eugenio. Imigração e Industrialização. In: DACANAL, José; GONZAGA, Sergius. **RS: Imigração e Colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. p. 9-46.

MAESTRI, Mário. A Travessia e a mata: memória e história. In: DAL BÓ, Juventino; IOTTI, Luiza Horn; MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro (Org.). **Imigração Italiana e Estudos Ítalos-Brasileiros**. Caxias do Sul: EDUCS, 1999. p. 9-38.

MARTINS, José de Souza. **Empresário e empresa na biografia do Conde Matarazzo**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1967.

MARTINS, José de Souza et al. Pesquisas sobre Imigração Italiana: painel. In: ISBIEP, **Imigração Italiana: Estudos**. Porto Alegre/Caxias do Sul, EST/UCS, 1979. P. 43-73.

PELLANDA, Ernesto. Aspectos Gerais da colonização italiana no Rio Grande do Sul. In: **Álbum Comemorativo do 75º Aniversário da Colonização Italiana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1950. p. 34-64.

RENK, Arlene. **A luta da erva: um ofício étnico da nação brasileira no Oeste Catarinense**. 1990. 246 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – PPGAS,

Museu Nacional, UFRJ, [1990].

_____. A Reprodução Social Camponesa e suas representações: o caso de Palmitos-SC. 1997. 437 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS, Museu Nacional, UFRJ, [1997].

RIBEIRO, Cleodes M. P. J. **Festa e Identidade**: Como se fez a Festa da Uva. Caxias do Sul: UCS, 2002.

SANTOS, Miriam de Oliveira. **Bendito é o fruto**: festa da uva e identidade entre os descendentes de imigrantes italianos de Caxias do Sul/RS. 2004. 344 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, [2004].

SEYFERTH, Giralda. Imigração, Colonização e Identidade Étnica. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 29, p. 57-71, 1986.

_____. As contradições da liberdade: análise de representações sobre a identidade camponesa. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, n. 18, p. 78-95, 1992.

_____. As identidades dos imigrantes e o *melting pot* nacional. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 6, n. 14, p. 143-176, 2000.

SCHNEIDER, Jens. **Quais Brasis?** Considerações sobre a construção da identidade brasileira (e algumas comparações com Alemanha). Artigo inédito apresentado no PPGAS do Museu Nacional, 2003.

VELHO, Otávio. Nota ao Verbete Mito. In: **Dicionário Brasileiro de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro: FGV, 1986.

WAIBEL, Leo. **Capítulos de Geografia Tropical e do Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 1958.

WAIBEL, Leo. **Capítulos de Geografia Tropical e do Brasil**. 2 ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1979.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. **Italianidade no Brasil Meridional**: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria-RS. 2002. 278 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - PPGAS/USP, [2002].